

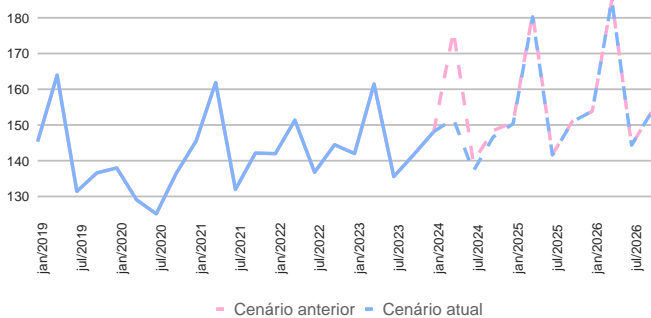
## Impactos das enchentes no RS

Em função das enchentes no Rio Grande do Sul e da extensão das perdas e prejuízos associados ao evento, preparamos um exercício para estimar esses impactos no PIB do estado, principalmente, e as consequências a nível Brasil.

Tendo em vista que a 4intelligence estima o PIB estadual aberto pela ótica da oferta, replicando a metodologia do IBGE, em bases de alta frequência, partimos de nossa projeção trimestral em vigor para o estado e inserimos manualmente choques negativos por trimestre nos três componentes da oferta: Agro, Indústria e Serviços.

### PIB Trimestral

Billhões de reais (R\$)



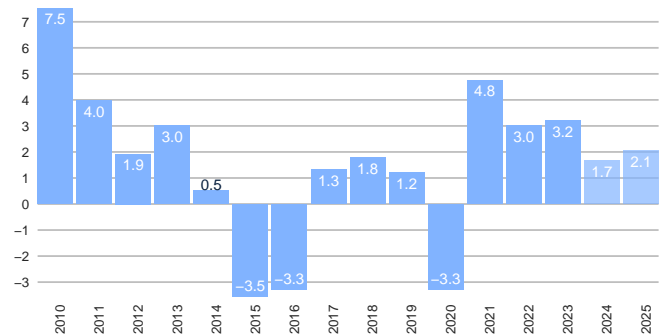
Fonte: 4intelligence Elaboração: 4intelligence

No front Agropecuário, reunindo as informações disponíveis sobre as culturas da região, o volume já colhido e possíveis perdas do que foi estocado, estimamos um aproveitamento de cerca de 75% do que se esperava do agro no segundo trimestre. Essas perdas devem ser menores nos trimestres à seguir, mas a menor capacidade produtiva tende a limitar o potencial do Agro em 2024 e parte de 2025. Desta forma, partindo da projeção inicial de uma alta de 18,9% para o PIB Agro do RS em 2024 chegamos a uma expansão sensivelmente menor, de 1,9% apenas. Ainda que um crescimento do PIB Agro mesmo neste momento de graves enchentes não seja intuitivo, a verdade é que o desempenho das safras em 2022 e 23 foi muito inferior ao que se viu em 2021, por exemplo, e por isso temos uma base de com-

paração baixa.

### Produto Interno Bruto

Variação acumulada (%)



Fonte: IBGE Elaboração: 4intelligence

Em serviços, frente ao cenário de referência, devemos ter perdas menos intensas, mas ainda assim significativas. A paralisação, mesmo que parcial, da capital do estado sugere um comportamento da demanda por serviços similar ao que vimos durante a pandemia, onde o varejo tende a observar maior procura por alimentos e bens não-duráveis, ainda que parte dos hiper e supermercados esteja fechada. Do outro lado, a demanda por serviços de transporte e logística, turismo e outros serviços prestados às famílias, entre outros, tende a ser severamente afetado neste segundo trimestre. Imaginamos que uma parte desses efeitos negativos deve perdurar no segundo semestre, mas com impactos bem menos relevantes. Assim, o cenário anterior previa um avanço de 1,9% dos serviços em 2024, enquanto a nova projeção indica para uma retração de 3,1%.

A indústria, da mesma maneira, deve sentir uma baixa importante no segundo trimestre, reflexo da paralisação temporária de algumas plantas. No entanto, as similaridades com os demais setores para por aí já que, não havendo destruição significativa de capacidade produtiva, existe espaço para que a produção aumente para compensar parte do período em que as linhas estiveram desligadas. Em outras palavras, se o segundo trimestre seguramente será pior do que no cenário anterior, o terceiro e quarto trimestres podem, em menor magnitude, ser melhores que o esperado

inicialmente. Para tanto devem valer não somente o aumento de produção da indústria de transformação, mas também uma maior demanda pela construção, já que casas, prédios e boa parte da infraestrutura urbana do RS precisará ser reerguida. Nesse contexto, projetamos uma alta de 1,0% do PIB da Indústria em 2024, comparado a uma alta de 1,8% prevista no cenário anterior.

O PIB total do RS para 2024, com isso, sai de uma expectativa de alta de 5,5% para algo bem mais modesto, apenas 0,5% de avanço. No segundo trimestre de 2024, frente ao mesmo período de 2023, saímos de uma expectativa de crescimento de 9,1% para uma queda de 6,0%. A nível Brasil, o PIB total deve sofrer um impacto de -0,2 p.p. em termos anuais, levando o PIB de 2024 a 1,7%.

**Importante notar que os efeitos das enchentes não se restringem à atividade econômica,** já que a perda de parte significativa das safras e o desabastecimento devem trazer impactos altistas aos preços de alimentos ao consumidor, com destaque para o arroz. A questão, aqui, é entender que esses impactos tendem a ser temporários, já que a normalização do abastecimento, a reabertura dos mercados e, mais à frente, o plantio das novas safras, devem trazer a oferta de grãos de volta ao patamar anterior. Nesse sentido, os impactos a serem sentidos no IPCA não devem demandar uma reação por parte do Banco Central.